

DISTANCIAMENTO DA LÍNGUA MATERNA PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA ABORDAGEM DISCURSIVO-PEDAGÓGICA

Walquíria Costa de Oliveira¹

Gustavo Costa²

Resumo: A Linguística, como ciência, investiga as línguas naturais humanas, que são parte de um sistema de signos usados para a comunicação. O ser humano começa a ser inserido ao meio que o receberá através dos indivíduos que preparam o espaço-discurso, onde o bebê terá contato com a aquisição da Língua Materna (LM). A influência dessa língua naturalmente adquirida no desejo ou na necessidade, na facilidade ou dificuldade de aquisição de uma Língua Estrangeira (LE) é questionada neste artigo. A direção a esta reflexão é pautada pela dialogicidade de duas autoras, Revuz (1998) e Ghiraldelo (2002; 2003), que expõem a questão da aquisição de LM e de que modo ela se relaciona não apenas com o desejo de aquisição, mas com a facilidade ou dificuldade de aprendizado de LE. Usando fundamentações teóricas análogas à exotopia de Bakhtin (2011) o artigo apresenta uma possível ligação entre a dificuldade/facilidade da aquisição da língua estrangeira e o “distanciamento” citado por Revuz, e conclui, sugerindo que o professor se familiarize com tal distanciamento a fim de proporcionar este mesmo entendimento ao aluno, tornando, assim, o ensino-aprendizado mais eficaz e competente.

Palavras-chave: aquisição de línguas; ensino/aprendizagem de língua estrangeira; distanciamento da língua materna.

DISTANCING OF THE MOTHER TONGUE IN THE TEACHING/LEARNING OF A FOREIGN LANGUAGE: A DISCOURSIIVE -PEDAGOGICAL APPROACH

Abstract: Linguistics, as science, investigates the natural human languages, part of a system of signs used for communication. The acquisition of the Mother Tongue (MT) is considered natural. The influence of this naturally acquired language in the desire or need, ease or difficulty of acquiring a Foreign Language (FL) is the point in this research. The direction of this reflection is guided by the dialogicity of two authors, Revuz (1998) and Ghiraldelo (2002; 2003), who concern the acquisition of MT and how it relates not only to the desire to acquire, but also to the ease or difficulty in learning a FL. From the point when the human beings make their first contacts with the mother tongue, the paper

¹ Aluna do Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté

² Mestre em Estudos Hispânicos pela Stephen F. Austin State University - E.U.A

tries to realize the bond that is created. Then, it seeks to clarify the difficulty/ease of acquisition of the FL through the "distancing" proposed by Revuz. Finally, it proposes procedures, such as the use of lexis known in MT but with the sound of the FL phonemes, or the acceptance and understanding of the detachment from the MT to break locks and later failures.

Keywords: Language acquisition; foreign language teaching/learning; distancing of the mother tongue.

1. Introdução

Não há dúvida de que a aquisição da língua materna pelo ser humano é algo fascinante e intrigante. A Linguística, como ciência, investiga as línguas naturais humanas, que são parte de um sistema de signos usados para a comunicação. Como explica Petter (2004, p. 17), este sistema de signos denominado Semiologia, por Saussure, é complexo, flexível e possui adaptabilidade que permite expressar conteúdos bem diversos como afirmações, questionamentos, sentimentos, comandos e emoções, que podem ser expressos no passado, presente ou futuro, dentro de um contexto social, por meio de cada indivíduo. Na visão de Saussure, é por isto que a Linguística tem cientificidade, pois ela possui objeto de estudo definido, a língua, e sua metodologia de análise põe de lado a fala e concentra-se no fato social. Em uma outra visão, Ghiraldelo (2002, p. 28) cita:

Como esclarece Backes (2000, p. 62), a entrada do sujeito na linguagem se dá na articulação entre o discurso, no sentido de linguagem, e o "laço social". O sujeito é, assim, estruturado pela linguagem e efeito dela, tornando-se um sujeito do inconsciente. O "laço" é coletivo, embora produza efeitos individuais.

Assim, a comunicação vai além do processo escrito, envolvendo, para a Linguística, códigos auditivos (sonoros). A fala, a audição e a escrita se tornam elementos que devem ser igualmente analisados e pesquisados, pois fazem parte do sujeito que aprende. Aquele que se dispõe a ensinar deve levar isto em consideração ao abordar o aprendiz, pois as abstrações necessárias ao aprendizado devem ser originadas por quem ensina, e esse não deve esperar que o aluno simplesmente aprenda sem realmente apreender os conceitos e os sons correspondentes, ou seja, os significados e os significantes.

De Saussure em diante, grandes foram os avanços e estudos na área da Linguística. E, não importa qual vertente linguística está sendo enfocada: é importante considerar que o complexo fenômeno da aquisição não se esgota no estudo das características da língua. Antes mesmo de vir ao mundo, o ser humano começa a ser inserido ao meio que o receberá através dos indivíduos que preparam o espaço-discurso onde o bebê terá contato com a aquisição da

LM. De que forma essa língua naturalmente adquirida poderia influenciar o desejo ou a necessidade, a facilidade ou dificuldade de aquisição de uma outra língua, ou Língua Estrangeira (LE)? E, sendo esta LE o inglês, o que leva algumas pessoas a terem mais ou menos afinidade e facilidade para sua aquisição?

Estes questionamentos são investigados neste trabalho, através de duas autoras, Revuz (1998) e Ghiraldelo (2002; 2003), que expõem a questão da aquisição de Língua Materna (LM) e de que modo ela se relaciona não apenas com o desejo de aquisição, mas com a facilidade ou dificuldade de aprendizado de LE, mais especificamente da Língua Inglesa.

Partindo das ideias de Revuz e do ponto quando o ser humano faz seus primeiros contatos com a língua materna, expõe-se o vínculo que é criado. A seguir, por meio de pesquisa realizada por Ghiraldelo, busca-se demonstrar o desejo de possuir uma LM através de um trabalho de entrevistas circunscrito a um determinado número de sujeitos e o foco desse desejo na língua inglesa. Dando seguimento, o artigo tenta esclarecer a dificuldade/facilidade da aquisição da língua inglesa através do “distanciamento” proposto por Revuz, e finalmente, propõe, na conclusão, alguns procedimentos por parte do professor de língua inglesa.

2. O vínculo com a Língua Materna

A linguagem é um conjunto de símbolos que abrange vários domínios, podendo ser ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, e tem funcionamento interno. A língua, que é uma linguagem estruturada e gramaticalmente organizada³, envolve fala, escrita e audição de forma padronizada e consistente, o que a mantém coesa e transmissível.

Ao vir ao mundo, o bebê aprende parte do processo de comunicação iniciado com a linguagem física e fisiológica como choro, riso, gestos etc., e, mais tarde, aos poucos vai incorporando a linguagem em um processo de comunicação mais elaborado e mais complexo, aprendendo a fazer uso da língua materna. Há que incluir então o aprendizado de uma comunicação estabelecida pela oralidade desde este período até quando a criança em idade escolar aprende a ler e escrever. Nesse ponto, é estabelecido o aprendizado da Língua Oficial e, embora a criança já possa ter tido contato com o padrão de oralidade, na escola ela tem contato com a língua estabelecida na Constituição do país e descrita nas gramáticas

³ Definição de Sausurre, contida no livro *Curso de Linguística Geral*.

normativas referenciais. Em relação à Língua Oficial, é Ghiraldelo (2002, p. 47) que esclarece:

Assim, língua oficial não deixa de ser uma língua “imaginada”, porque não há falante dessa língua. Sabemos que a construção de uma gramática se dá pela coletânea de exemplo de realizações linguísticas, apenas da modalidade escrita e do gênero literário de diversos escritores, o que não significa que eles tivessem conhecimento de todas as normas e regras estabelecidas pelas gramáticas. No entanto, as gramáticas e os dicionários são, ainda, formas concretas da existência de uma língua e “instrumentos” necessários para o estabelecimento de uma língua oficial, já que funcionam como objetos simbólicos que, assim como o hino, a bandeira..., contribuem para a constituição da subjetividade dos membros de uma sociedade.

Mas, antes da escola, é o contato com a língua falada pelos que fazem parte de sua vida que se solidifica para a criança. Para se comunicar eficientemente, ela faz uso da língua que a rodeia, da língua da afetividade, da Língua Materna.

Christine Revuz (1998, p. 218) descreve que uma criança aprende aos poucos a utilizar a língua, como aprende a utilizar outras partes do corpo, como os membros, ou como aprende a fazer uso de seus brinquedos. Ainda no ventre materno, ela está ouvindo o ambiente externo, e ao nascer recebe informação sobre o ambiente na língua materna. Como explica Ghiraldelo (2002, p. 26) na citação de Revuz (1998, p. 218):

A partir de seu primeiro instante de vida, ela está ligada a um ambiente que lhe prodigaliza cuidados e palavras. Cada um que se ocupa da criança fala dela, coloca em palavras o que percebe dela, de seu “jeito de ser”, de suas semelhanças, de suas necessidades. E essas falas são em todo momento interpretações daquilo que é ou sente a criança.

Segundo a autora citada, todos os que se ocupam do bebê falam dele e nomeiam sensações e sentimentos, afetos e objetos do seu mundo, o que faz sua experiência linguística indissociável da experiência da relação com o outro. A criança antes de ter capacidade de falar “é falada intensamente pelo seu ambiente” (REVUZ, 1998, p. 219).

Observando-se o aprendizado de crianças no meio familiar, é possível constatar essa observação da autora. Para os familiares ou outras pessoas que convivem com o bebê, mesmo que essa convivência seja por um período curto, é possível perceber que, de fato, a criança é impregnada pela LM, e sendo exposta a ela, vai adquirindo habilidade de comunicação aos poucos e constantemente. Este processo de aprendizado é vivido durante todo o ciclo de vida, pois significados e significantes já aprendidos alternam-se ao longo desse período, além de

ocorrer a incorporação de outros novos mais que situam melhor seu meio que está constantemente em mutação.

Neste aspecto, o desejo do outro modela a criança e o que ela vai dizer, e a língua materna estabelece uma relação de língua fundadora para o sujeito, que nenhuma outra língua vem estabelecer. Posteriormente, a língua materna torna-se um elemento essencial para a expressão do “eu”, ou seja, de si mesma, pois foi nesta língua que a criança foi moldada, incorporando seus elementos físicos, psíquicos, mentais e espirituais a partir dos elementos linguísticos dessa mesma língua.

Ghiraldelo corrobora com esta afirmação calcando-se em estudos da psicanálise, e, retomando autores, afirma que a língua materna é aprendida na primeira infância, um período de aproximadamente três anos, mas que não precisa ser necessariamente a língua da mãe. Língua materna é então a “língua primeira aprendida por um falante”, língua essa que o assujeita, tornando-o um “sujeito de linguagem”, moldando-lhe as bases de sua estruturação psíquica” (GHIRALDELO, 2003, p. 58).

3. A Língua Portuguesa como Língua Materna e o Inglês como Língua do Desejo

Naturalmente, desenvolve-se a habilidade de aquisição da língua materna, e esta habilidade vai se aprimorando ao longo do tempo. Para alguns, esta aquisição dá-se de forma rápida (e não se fala aqui da capacidade física de aquisição da linguagem, ou seja, do amadurecimento fisiológico da criança como a formação completa do aparelho fonoarticulatório, que tem um período de desenvolvimento bem variado conforme a criança), e para outros, de forma mais lenta, mas, conforme já exposto, vai moldando sua base de estruturação psíquica. Não importa a velocidade da aquisição da LM. O fato é que esta relação de aquisição da LM pode, ao longo da vida do ser humano, gerar conflitos e insatisfações, que podem levar, até mesmo, a dificuldades em relação à língua que fala.

“Por que enunciadores atribuem dificuldade à língua que falam, se no geral são bem sucedidos na comunicação?” Ghiraldelo (2003, p. 57).

Esse questionamento de Ghiraldelo levou-a a realizar pesquisa buscando compreender a relação entre a Língua Portuguesa e o sujeito falante, e ainda sobre o desejo de mudança de LM por esse sujeito, caso isso fosse possível. Na pesquisa, a autora busca refletir sobre as

representações da Língua Portuguesa como LM, construídas por brasileiros, e surpreende-se com o aparecimento de posições enunciativas como “português não é língua internacional” e “português é difícil”. Tais enunciados foram coletados de depoimentos escritos de 90 alunos de graduação, com idade entre 18 e 21 anos, advindos das cinco regiões geopolíticas do Brasil. Dos noventa depoentes analisados, vinte e nove manifestaram o desejo não apenas de aprender uma Língua Estrangeira, mas de mudar de Língua Materna, caso isso fosse possível (GHIRALDELO, 2003). Dentre os depoentes que manifestaram desejo de mudar de LM, dezoito escolheram o Inglês como a opção de troca, por ser esta a língua considerada internacional, além de considerarem-na “simples”, “prática”, “fácil” (GHIRALDELO, 2003, p. 76). A autora esclarece ainda que o fato de serem fluentes ou não em uma ou mais que uma LE não traz modificações na construção das representações das línguas estrangeiras, embora alguns fluentes cite características da LE. Nas palavras de Ghiraldelo (2003, p. 77):

Claro está que os sujeitos fluentes em uma determinada LE, o inglês por exemplo, comumente, apontam características peculiares a tal língua, como alguma regra de emprego de uma determinada forma linguística, mas esse conhecimento não os impede de considerar a língua “sintética”, “simples” como os demais sujeitos não fluentes em inglês. As representações da LE parecem exercer mais força do que o próprio conhecimento experimental na constituição do imaginário de língua do sujeito.

A autora destaca que a opinião dos depoentes de que o Inglês é língua simples, prática e considerada internacional faz com que ele possa ser considerado a língua do desejo (GHIRALDELO, 2003, p. 70).

De fato a língua inglesa, considerada por muitos como Língua Franca, aquela que é aceita pela sociedade como sendo a que deve ser utilizada em seus processos multiculturais, sociais, comerciais etc., é a mais utilizada para que sujeitos com diferentes LM possam se comunicar e interagir.

Ao longo da história, pode haver mudança na língua franca, dependendo da influência política, econômica e bélica do povo dominante (hegemonia) na época considerada. Mas, atualmente, em época de grandes avanços tecnológicos, da globalização e da disponibilidade de informação, a Língua Inglesa é certamente a língua estrangeira que vem funcionando como língua franca e a do desejo de muitas pessoas.

4. O Distanciamento para a Aquisição da Língua Estrangeira.

Partindo do pressuposto de que o desejo de aprender uma língua estrangeira para se comunicar com o falante desta língua, ou para se comunicar com a comunidade internacional exista, o sujeito que busca o aprendizado, busca expressar-se na LE. Todavia, não é raro deparar-se com barreiras e dificuldades que muitas vezes o fazem desistir, mesmo que ele tenha o desejo e, muitas vezes, a necessidade de aprender. Expressar-se na LE pode fazer com que o enunciador se sinta “perdido”. Segundo Revuz (1998, p. 220),

Abrindo um novo espaço potencial para a expressão do sujeito, a língua estrangeira vem questionar a relação que está instaurada entre o sujeito e sua língua. Essa relação é complexa e estruturante da relação que o sujeito mantém com ele mesmo, com o outro, e com o saber.

As barreiras encontradas podem ter sido geradas em algum momento da vida do sujeito. A comunicação na LE, quando o sujeito (ou o aprendiz) é adulto, segundo a mesma autora, leva a um “estágio do *infans*, do bebê”, trazendo à tona as dificuldades da articulação dos fonemas a que esteve exposto quando criança. Revuz (1998, p. 221). As dificuldades não são apenas físicas, mas incluem também uma “incapacidade de jogar de forma diferente com a acentuação, com sons, ritmos e entoações mesmo conhecidas”. (REVUZ 1998, p. 221)

Para exemplificar tais incapacidades, percebe-se na prática docente essa dificuldade em alguns alunos. A incapacidade de se produzir o “r” na palavra *rose* é superada quando pede-se ao aluno que repita a palavra “porteira” em português como se estivesse sendo pronunciada por um nativo da língua inglesa: [porrteirra]⁴. Pede-se, a seguir, aos alunos, que digam a palavra “rosa” em português, mas da forma como seria dita por um nativo da língua inglesa: [rrosa]⁵. Finalmente, pede-se ao aluno que pronuncie a palavra *rose*, em inglês. Quando levado o auxílio da LM, com o léxico conhecido na LM, para a reprodução do som em LE, percebe-se que o sucesso da aquisição do fonema na LE é significativamente alto.

Por outro lado, corroborando com as reflexões de Christine Revuz, na prática docente, percebe-se também alunos que se encantam e se “regozijam” com a sonoridade diferente da LE. Alguns sujeitos, majoritariamente crianças, apoderam-se com facilidade da música, ou do *pitch range*, a variação sonora da língua estrangeira.

⁴ A transcrição fonética /r/ foi modificada para melhor compreensão do fonema

⁵ A transcrição fonética /r/ foi modificada para melhor compreensão do fonema

Para Revuz, estas posições tão opostas de rejeição e de aceitação devem-se a um “distanciamento da língua materna, necessário ao sujeito, e é fonte de ansiedade para alguns, e de prazer para outros”. (REVUZ, 1998, p. 222)

Esse distanciamento citado por Revuz remete, de alguma forma, à definição de exotopia, de Bakhtin. O autor fundamenta-se na filosofia da linguagem que entende esta como heteroglossia, ou seja, um conjunto múltiplo, heterogêneo, de vozes ou línguas sociais. Para o autor, a linguagem tem modo valorativo com base nas ações humanas. Ele afirma que o escritor, ou autor-pessoa é a entidade física real, que entrega a construção do todo artístico ao autor criador. Esse é portanto a projeção da consciência do autor-pessoa alojado sempre em uma segunda voz – a voz criativa do autor criador cujo discurso é um ato de apropriação refratada de uma voz social capaz de dar unidade a um todo estético. Bakhtin afirma que é necessário um “deslocamento” para trabalhar a linguagem estando fora dela. O que o autor chama de exotopia é portanto um situar-se fora de si mesmo. Para que o autor pessoa seja o autor criador, ele necessita viver a si mesmo como o outro, ver pelos olhos e pela consciência do outro. Para manter a exotopia, o autor criador utiliza-se de elementos simpatizantes como admiração, piedade, ódio, amor, inimizade, ternura. (BAKHTIN, 2011).

O distanciamento a que Revuz se refere, remete à exotopia de Bakhtin neste ponto, onde são utilizados elementos simpatizantes como diversas emoções e sentimentos. A facilidade/dificuldade do aprendizado de uma LE pode ser influenciada pelo distanciamento/deslocamento da LM.

Corroborando com Revuz e Bakhtin, acredita-se que um sujeito desejoso do aprendizado de LE deverá se distanciar, aceitando uma forma de enunciação diferente, terá que ouvir as vozes da LE e incorporá-la à sua própria voz para criar uma enunciação em LE.

Uma definição das marcas da enunciação é dada por Pêcheux e Fuchs:

Uma das marcas da enunciação é que ela é constituída não apenas por unidades lexicais simples, mas por um conjunto lexical estruturado sobre a sintaxe, que não é um conjunto de regras, mas “o modo de organização (próprio de uma determinada língua) dos traços das referências enunciativas”, resultando em construções significativas, ou uma “significação”. (PÊCHEUX, FUCHS, 1975, p. 176)

Como poderia um sujeito que desconhece (ou que não tem o número suficiente de) os elementos lexicais, colocá-los numa estrutura sintática de uma LE e produzir um enunciado com sentido?

Mesmo que aceite o distanciamento, a exotopia, o enunciador pode se sentir incapacitado não por não saber estar distante, mas por não possuir o arsenal completo para a enunciação.

Segundo Revuz, muitos aprendizes “enfrentam” a língua estrangeira (REVUZ, 1998, p. 216). A autora afirma que o aprendizado mobiliza dimensões da pessoa que nem sempre colaboram, exigindo uma “flexibilidade psíquica”, pois o aprendizado de uma segunda língua “vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito com palavras da primeira língua” (REVUZ, 1998, p. 217). A autora expõe, ainda, que a grande quantidade de métodos de ensino-aprendizagem surgidos não necessariamente alterou a quantidade de alunos brilhantes. Existem aqueles que continuam não compreendendo a LE.

Ilustrando este distanciamento, é mencionado aqui um momento na prática docente. Em determinada aula para alunos de nível avançado, usando o Método Direto, um aluno novato adentra a sala participando da aula durante uma hora e cinquenta minutos e, como os demais alunos, faz uso apenas da língua alvo. Terminada a aula, o aluno aborda a professora, iniciando uma conversa na língua materna. Como a conversa é sustentada pela professora na LM, o aluno se mostra surpreso e comenta: “Nossa, você falando português parece outra pessoa, completamente diferente!” Ao que a professora, responde: “Obrigada, mas é apenas a internalização de uma língua diferente!”

Para a professora, o distanciamento – a não interferência da LM, o situar-se fora de si e de sua LM, a aceitação da LE como a língua do outro –, é conhecido e utilizado de forma eficaz. Os docentes compreendem que a LE é expressa por vozes que não são as mesmas da LM, e podem aceitá-las. Para alguns alunos, geralmente adultos, o distanciamento pode ser percebido, mas quando não é aceito, pode trazer um desconforto. Não raro percebe-se na prática docente, alunos de nível avançado que, quando expressando-se na LE e tendo que apelar pela emoção, o fazem com expressões na LM. Observa-se que isso acontece com o aluno, não por falta de sustentação lexical ou sintática, mas talvez, porque esse só considera legítima uma expressão falada na sua língua materna. Para ele, é como se a emoção expressa em Inglês estivesse sendo expressa por outro sujeito que não ele mesmo. Isso pode ser explicado pelas observações de Ghiraldelo (2002, p. 50)

A língua materna é definida como a língua que comporta os mal-entendidos, a homofonia, a homossemia, tudo o que comporta o duplo sentido, o dizer em meias palavras; é a língua que se inscreve no e com o equívoco. Ela não é comparável a nenhuma outra língua e é essa característica incomparável, o componente simbólico,

que é inerente a ela, que não pode ser dito, mas habitado pelo sujeito – o sujeito do inconsciente.

Esta distância entre a expressão na LM e na LE pode ser comparada com a distância entre a oralidade e a escrita, tão bem exposta por Ana Cristina Sawaya em seu livro sobre bloqueios de escrita. Nesse trabalho, a autora descreve:

Com desenvoltura, clareza, atratividade, (as pessoas) são capazes de prender nossa atenção sem nenhum sacrifício. Porém, se forem solicitadas a passar o relato para o papel, a dificuldade é instantânea, como se as categorias selecionadas para caracterizar o fato sumissem com a impossibilidade de escrevê-las. (ALMEIDA, 2004, p. 77)

5. Conclusão

Encontra-se disponível um grande leque de opções de métodos de ensino, abordagens e material didático, e uma diversidade muito grande em relação ao perfil e metodologia dos professores de Língua Estrangeira, principalmente no que se refere à Língua Inglesa. Isto se deve a sua importância como língua internacional e língua da comunidade científica, pois o canal de comunicação tem que ser estabelecido em um idioma aceito pelo mundo globalizado.

Alguns métodos individuais como o *One to One*, em que há apenas um aluno e um professor, situam os alunos como foco e conseguem suprir grande parte de suas necessidades como aprendizes de uma língua estrangeira. Mesmo assim, ainda encontram-se alunos com extrema dificuldade para o aprendizado e que apresentam bloqueios e, posteriormente, insucessos.

Existe a possibilidade de esses bloqueios terem sido originados por métodos ineficazes, professores mal preparados e métodos ultrapassados, bem como por problemas de dislexia, disgrafia e/ou de disfonia (que realmente interferem no processo do ensino-aprendizagem e na interação do aprendiz-professor).

Superados esses problemas, e ainda observando-se o insucesso no aprendizado, pode-se considerar que muitos bloqueios são originados nos primeiros contatos com a linguagem. Não estaria tal dificuldade ligada à incapacidade de distanciamento da LM?

Um aprendiz que tivesse consciência da forma de aquisição da LM e que conseguisse um maior distanciamento dessa, poderia estar mais preparado para quebrar os bloqueios e aceitar a aquisição de uma LE, no caso o Inglês, de uma forma mais consciente e produtiva.

Os professores de uma LE podem ser preparados didática e pedagogicamente para gerar/suprir/utilizar corretamente o distanciamento da LM para o ensino de uma LE. Estima-se que o ganho no processo ensino-aprendizagem seria grande e que o resultado final do processo poderia promover alunos e professores mais competentes e felizes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Cristina Cezar Sawaya. *Arte no desbloqueio da escrita*. 2. ed. Goiânia-GO: Vieira, 2004. v. 1, 168 p.

ALMEIDA, Ricardo Luiz Teixeira de. *The teaching of English as a foreign language in the context of Brazilian regular schools: a retrospective and prospective view of policies and practices*. *Rev. bras. linguist. apl.*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, jun. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982012000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 jul. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982012000200006>.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução do francês: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Revisão da tradução Marina Appenzellert. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FORATTINI, Oswaldo Paulo. 1997, vol.31, n.1. *A lingua franca da ciência*. [Online] 1997, vol.31, n.1. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101997000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 de julho de 2015

GHIRALDELO, Claudete Moreno. “As representações de língua materna: entre o desejo de completude e a falta do sujeito.” *Tese de Doutorado em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas*. Campinas, 2002.

_____. As representações de língua Portuguesa e as formas de subjetivação. In: CORACINI, Maria José (org). *Identidade & discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e perspectiva (1975). In: GADET, F. Hak, T. (org). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Unicamp, 1993.

PETTER, Margarida. Linguagem, Língua, Linguística. In: FIORIN, José Luiz. (org). *Introdução à linguística - Objetos teóricos*. 3ªed. São Paulo: Contexto, 2004.

REVUZ, Christine. A língua Estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o Risco do Exílio. In: SIGNORINI, Inês (org). *Linguagem e Identidade: elementos para uma Discussão no Campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.

Recebido em 09/09/2015.

Aceito em 12/11/2015.